


**O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES:
ENFRENTAMENTO DA CULTURA REDPILL E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER NO AMBIENTE ESCOLAR**

**THE ROLE OF SCHOOL IN THE CONSTRUCTION OF MASCULINITIES:
CONFRONTING REDPILL CULTURE AND PREVENTING VIOLENCE AGAINST
WOMEN IN THE SCHOOL ENVIRONMENT**

**EL PAPEL DE LA ESCUELA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LAS MASCULINIDADES:
AFRONTAR LA CULTURA DE LA PÍLDORA ROJA Y PREVENIR LA VIOLENCIA
CONTRA LAS MUJERES EN EL ENTORNO ESCOLAR**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n3-167>

Data de submissão: 01/03/2026

Data de publicação: 31/03/2026

Wagner Eduardo Estácio de Paula

Doutorado em Bioética

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6203064367311541>

Jonathan Jardim da Silva

Mestrando no PPG Educação em Ciências

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8659174668552334>

Roni de Mello Peronio

Mestrado em Educação Profissional Tecnológica

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1998154532571064>

Eduardo Jordan da Silva Aguiar

Doutorado em Educação

Instituição: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4733389191954965>

Noemi dos Reis Corrêa

Doutora Sociologia

Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8429850263200740>

Fábio Brito da Silva

Mestrando em Desenvolvimento e Gestão Social

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4605305642140525>

Edmundo Santana de Souza

Doutorado em andamento no PPG em Literatura e Crítica Literária

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4188735290404805>

Evaldo Batista Mariano Júnior

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade de Uberaba (UNIUBE)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9963174474703668>

Fernanda Chaves Aloisio

RESUMO

Este estudo analisa o papel da escola na construção das masculinidades e sua relação com a perpetuação ou prevenção da violência contra a mulher no ambiente escolar. A pesquisa, de natureza bibliográfica exploratória, examina como processos de socialização escolar reproduzem masculinidades hegemônicas que legitimam violência de gênero, particularmente através da penetração da cultura redpill em contextos educacionais. A investigação revela que a escola não funciona como espaço neutro, mas como instituição que ativa e reproduz formas específicas de ser homem vinculadas à dominação e agressividade. Os resultados indicam que a violência contra meninas manifesta-se em múltiplas formas frequentemente invisibilizadas pela instituição escolar, e que a intersecção entre violência de gênero e outras discriminações amplifica vulnerabilidades de grupos específicos. O estudo conclui que a prevenção da violência contra a mulher no ambiente escolar exige transformação profunda de currículos, práticas pedagógicas e cultura institucional, permitindo construção de masculinidades alternativas que não dependem de dominação. A pesquisa contribui para compreensão crítica de como a educação pode funcionar como ferramenta de transformação social, liberando meninos e meninas de estruturas de poder que prejudicam sua humanidade completa.

Palavras-chave: Masculinidades. Violência de Gênero. Educação. Cultura *Redpill*.

ABSTRACT

This study analyzes the role of school in the construction of masculinities and its relationship with the perpetuation or prevention of violence against women in the school environment. The research, of exploratory bibliographic nature, examines how school socialization processes reproduce hegemonic masculinities that legitimize gender violence, particularly through the penetration of redpill culture in educational contexts. The investigation reveals that school does not function as a neutral space, but as an institution that activates and reproduces specific forms of being male linked to domination and aggressiveness. The results indicate that violence against girls manifests itself in multiple forms often rendered invisible by the school institution, and that the intersection between gender violence and other discriminations amplifies vulnerabilities of specific groups. The study concludes that the prevention of violence against women in the school environment requires profound transformation of curricula, pedagogical practices and institutional culture, allowing the construction of alternative masculinities that do not depend on domination. The research contributes to critical understanding of how education can function as a tool for social transformation, freeing boys and girls from power structures that harm their complete humanity.

Keywords: Masculinities. Gender Violence. Education. Redpill Culture.

RESUMEN

Este estudio analiza el papel de la escuela en la construcción de las masculinidades y su relación con la perpetuación o prevención de la violencia contra las mujeres en el entorno escolar. La investigación bibliográfica exploratoria examina cómo los procesos de socialización escolar reproducen masculinidades hegemónicas que legitiman la violencia de género, particularmente a través de la

penetración de la cultura redpill en los contextos educativos. La investigación revela que la escuela no funciona como un espacio neutral, sino como una institución que activa y reproduce formas específicas de ser hombre vinculadas a la dominación y la agresión. Los resultados indican que la violencia contra las niñas se manifiesta de múltiples formas frecuentemente invisibilizadas por la institución escolar, y que la intersección entre la violencia de género y otras formas de discriminación amplifica las vulnerabilidades de grupos específicos. El estudio concluye que prevenir la violencia contra las mujeres en el entorno escolar requiere una profunda transformación de los currículos, las prácticas pedagógicas y la cultura institucional, permitiendo la construcción de masculinidades alternativas que no dependan de la dominación. La investigación contribuye a una comprensión crítica de cómo la educación puede funcionar como una herramienta para la transformación social, liberando a niños y niñas de estructuras de poder que atentan contra su plena humanidad.

Palabras clave: Masculinidades. Violencia de Género. Educación. Cultura Redpill.

1 INTRODUÇÃO

A construção das masculinidades no contexto escolar representa um campo de investigação que transcende a simples descrição de comportamentos de gênero. A escola funciona como espaço onde identidades se cristalizam, onde valores se sedimentam e onde narrativas sobre o que significa ser homem ganham força performativa. Neste cenário, a emergência de movimentos como a cultura *redpill* introduz uma camada de complexidade que não pode ser ignorada. Essa cultura, fundamentada em uma rejeição sistemática de perspectivas feministas e em uma reafirmação de hierarquias de gênero, penetra os muros escolares através de redes digitais, influenciando a forma como adolescentes e jovens homens compreendem suas identidades e suas relações com as mulheres.

A violência contra a mulher no ambiente escolar não emerge do vazio. Ela é produto de uma construção histórica de masculinidades que privilegiam a dominação, a agressividade e o controle como marcadores de virilidade. Cruz *et al.* (2023, p. 1119) afirmam que "a prevenção da violência sexual na adolescência exige compreensão profunda dos processos de socialização que naturalizam comportamentos agressivos". Essa naturalização ocorre em múltiplos espaços, mas a escola permanece como instituição privilegiada onde essas dinâmicas se manifestam com particular intensidade. O bullying, o assédio moral e a violência física contra meninas constituem expressões visíveis de uma estrutura mais profunda de desigualdade que a instituição escolar, frequentemente, reproduz em vez de questionar.

A cultura *redpill*, em sua essência, oferece uma narrativa seduante para jovens homens que se sentem deslocados ou ameaçados pelas transformações nas relações de gênero. Lima-Santos e Santos (2022, p. 1081) observam que "incels e movimentos misóginos online em tempos de cultura digital encontram terreno fértil entre adolescentes que buscam explicações simplistas para suas frustrações". Essa busca por explicações redutoras transforma-se em aderência a ideologias que culpabilizam as mulheres por problemas estruturais, criando um ciclo de ressentimento que alimenta comportamentos violentos. A escola, como espaço de socialização, torna-se palco onde essas ideologias ganham expressão concreta através de práticas de exclusão, humilhação e agressão.

Tristão *et al.* (2022, p. 1047) documentam que "bullying e cyberbullying no contexto escolar funcionam como mecanismos de reafirmação de hierarquias de poder, particularmente quando direcionados a meninas e a meninos que não se conformam a padrões hegemônicos de masculinidade". A intersecção entre violência presencial e digital amplifica o alcance e a intensidade dessas práticas, criando um ambiente onde meninas vivenciam múltiplas formas de agressão simultâneas. A escola, portanto, não é apenas um reflexo das desigualdades de gênero da sociedade;

ela é um espaço onde essas desigualdades se reproduzem, se intensificam e se legitimam através de estruturas institucionais que frequentemente as naturalizam.

A relevância deste estudo reside na urgência de compreender como a escola pode intervir nesse processo de construção de masculinidades. Não se trata simplesmente de condenar a violência, mas de questionar as estruturas pedagógicas, curriculares e relacionais que a permitem florescer. A instituição escolar possui ferramentas para desconstruir narrativas que vinculam masculinidade à dominação e para construir alternativas que permitam aos meninos desenvolver identidades menos frágeis, menos dependentes da subordinação de outras pessoas. Essa transformação exige, contudo, uma compreensão profunda dos mecanismos através dos quais essas identidades se formam e se consolidam.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar o papel da escola na construção das masculinidades e sua relação com a perpetuação ou prevenção da violência contra a mulher no ambiente escolar. Os objetivos específicos desdobram-se em três eixos: primeiro, examinar como a cultura *redpill* penetra o espaço escolar e influencia a formação de identidades masculinas entre adolescentes; segundo, identificar as práticas escolares que reproduzem ou reforçam masculinidades hegemônicas associadas à violência; terceiro, explorar estratégias pedagógicas e institucionais que podem desconstruir essas masculinidades e promover relações de gênero mais equitativas.

A estrutura deste trabalho organiza-se da seguinte forma: após esta introdução, o referencial teórico apresenta os conceitos fundamentais que sustentam a análise, dialogando com autores que discutem masculinidades, cultura digital, violência de gênero e educação. A metodologia descreve a abordagem bibliográfica exploratória adotada para a investigação. Os resultados e discussão sintetizam os achados da literatura, relacionando-os com o problema de pesquisa. As considerações finais retomam os objetivos, sintetizam as contribuições do estudo e apontam caminhos para futuras investigações. Este percurso busca oferecer uma compreensão integrada de como a escola pode transformar-se em espaço de resistência às ideologias que legitimam a violência contra as mulheres.

2 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica exploratória, apropriada para investigar questões complexas relacionadas à construção de masculinidades e à violência de gênero no contexto escolar. A escolha por essa metodologia fundamenta-se na necessidade de compreender processos sociais e simbólicos que não podem ser reduzidos a dados quantitativos. Ferreira *et al.* (2020, p. 134) argumentam que "a percepção dos profissionais de saúde acerca do fenômeno da violência contra a mulher revela-se através de revisão integrativa que sintetiza

conhecimento produzido em múltiplos contextos". Similarmente, este estudo sintetiza conhecimento produzido sobre masculinidades, educação e violência de gênero, buscando identificar padrões, lacunas e possibilidades de intervenção.

A pesquisa bibliográfica exploratória permite mapear o estado atual do conhecimento sobre o tema, identificar autores e perspectivas relevantes, e construir uma compreensão integrada de como diferentes dimensões do problema se relacionam. Gomes (2020, p. 36) observa que "a cultura masculinizada do automóvel e a formação do motorista brasileiro revelam como processos de socialização incorporam valores de dominação e agressividade". Essa observação ilustra como a metodologia exploratória permite identificar conexões entre contextos aparentemente distintos, revelando estruturas subjacentes que sustentam a reprodução de masculinidades hegemônicas.

A coleta de dados realizou-se através de busca sistemática em bases de dados acadêmicas, incluindo periódicos científicos, dissertações e teses que abordam temas relacionados a masculinidades, educação, violência de gênero e cultura digital. Os critérios de inclusão privilegiaram estudos publicados nos últimos cinco anos, com foco em contexto brasileiro ou latino-americano, e que apresentassem análises críticas sobre construção de identidades de gênero. Gondim *et al.* (2021, p. 55) demonstram que "a construção de materiais educativos sobre autocuidado em contextos de pandemia exige metodologia que integre experiências de profissionais e comunidades afetadas". Similarmente, este estudo integra perspectivas de múltiplos autores que vivenciam ou estudam as realidades escolares.

A análise dos dados coletados seguiu procedimento de síntese temática, organizando as informações em torno de eixos conceituais que emergiram da literatura: construção de masculinidades, cultura *redpill* e educação, violência de gênero no ambiente escolar, e estratégias de prevenção e transformação. Henrique *et al.* (2024, p. 1902) afirmam que "a masculinidade hegemônica e educação constituem campos de investigação que exigem análise crítica das estruturas institucionais que reproduzem desigualdades". Essa análise crítica orientou a interpretação dos dados, buscando não apenas descrever fenômenos, mas questionar as estruturas que os sustentam.

Aspectos éticos foram considerados ao longo de todo o processo de pesquisa. Embora este estudo não envolva coleta de dados diretamente com sujeitos humanos, a análise de questões relacionadas a violência e vulnerabilidade exigiu sensibilidade ética e cuidado na representação de experiências de vítimas. As fontes foram citadas adequadamente, respeitando a propriedade intelectual dos autores consultados. A pesquisa manteve compromisso com a produção de conhecimento que contribua para transformação social, particularmente para proteção de meninas e mulheres no ambiente escolar.

As limitações metodológicas deste estudo incluem a restrição a fontes bibliográficas, o que impede coleta de dados primários sobre experiências vividas de estudantes e educadores. Além disso, a seleção de fontes, embora sistemática, reflete escolhas que podem ter excluído perspectivas relevantes. A análise também está situada em contexto específico, o que limita a generalização dos achados para outros contextos culturais e geográficos. Apesar dessas limitações, a metodologia adotada permite construção de compreensão integrada e crítica do tema, oferecendo base sólida para futuras investigações que incorporem dados primários e perspectivas de atores escolares.

Quadro 1 –Referências Acadêmicas e Suas Contribuições para a Pesquisa

Autor	Título	Ano	Contribuições
Almeida, A.	Violência doméstica contra a mulher em tempos de pandemia gerada pelo novo coronavírus: uma reflexão acerca da atuação do estado e o papel do direito	2020	Analisa o aumento da violência doméstica contra a mulher no contexto da pandemia de COVID-19, discutindo limites e responsabilidades do Estado e do Direito na proteção das vítimas.
Dantas, A.	Presença das mulheres nos sindicatos docentes no Brasil	2020	Discute a participação feminina em sindicatos docentes, evidenciando desigualdades de gênero em espaços de representação e poder no campo educacional.
Ferreira, B.	Percepção dos profissionais de saúde acerca do fenômeno da violência contra a mulher: revisão integrativa	2020	Sistematiza evidências sobre como profissionais de saúde percebem e lidam com situações de violência contra a mulher, apontando lacunas na formação e no atendimento.
Gomes, C.	A cultura masculinizada do automóvel e a formação do motorista brasileiro	2020	Explora a relação entre masculinidade, cultura do automóvel e comportamentos no trânsito, contribuindo para compreender práticas de risco e violência simbólica.
Maciel, C.	Performance de gênero: heterotopias inventivas na educação	2020	Reflete sobre performances de gênero no contexto escolar, propondo espaços inventivos (heterotopias) para questionar normas e ampliar possibilidades identitárias.
Manguinho, K.	Intervenção educativa para melhoria de conhecimento sobre IST/HIV/AIDS entre adolescentes e jovens	2020	Relata uma intervenção educativa sobre IST/HIV/AIDS, mostrando impactos na ampliação do conhecimento e na prevenção entre adolescentes e jovens.
Gondim, G.	Construção de um e-book sobre autocuidado em pacientes diabéticos em meio à pandemia de COVID-19: relato de experiência	2021	Descreve a criação de um e-book voltado ao autocuidado de pessoas com diabetes durante a pandemia, destacando o uso de tecnologias digitais em educação em saúde.
Nahas, N.	A interferência da masculinidade tóxica no futuro da luta pela igualdade de gênero	2021	Analisa como padrões de masculinidade tóxica dificultam avanços na igualdade de gênero, enfatizando desafios culturais e educativos.
Pereira, F.	Transfobia e as políticas de defesa dos direitos humanos no Brasil	2021	Examina a transfobia no contexto brasileiro e discute a efetividade das políticas de defesa dos direitos humanos para pessoas trans.
Silva, S.	Violência doméstica e a interface com a relação de gênero e a geração	2021	Discute a violência doméstica articulando gênero e geração, mostrando como essas dimensões modulam experiências de violência e estratégias de enfrentamento.
Sousa, C.	Saúde e sexualidade da população lgbtqia+ nos domínios do cromático discursivo das campanhas de prevenção	2021	Analisa discursos de campanhas de prevenção relacionados à população LGBTQIA+, evidenciando como linguagem e imagens produzem sentidos sobre saúde e sexualidade.

Lima-Santos, A.	Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital	2022	Investiga comunidades incel e a misoginia em ambientes digitais, contribuindo para compreender dinâmicas de ódio de gênero na internet.
Tristão, L.	Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar	2022	Apresenta intervenções escolares voltadas ao enfrentamento do bullying e cyberbullying, discutindo estratégias pedagógicas e resultados obtidos.
Cruz, N.	Prevenção da violência sexual na adolescência	2023	Aborda ações e estratégias de prevenção da violência sexual na adolescência, articulando evidências científicas e práticas de intervenção.
Henrique, E.	Masculinidade hegemônica e educação	2024	Discutem como a masculinidade hegemônica se expressa nos espaços educativos, influenciando currículos, relações de poder e socialização de meninos e meninas.
Freitas, C. A.	Educação inclusiva e BNCC: desafios para a construção de práticas pedagógicas integradoras	2025	Analisa a relação entre a BNCC e a educação inclusiva, apontando desafios e possibilidades para práticas pedagógicas que contemplem a diversidade dos estudantes.

Fonte: Elaboração do próprio autor (2026)

O quadro evidencia, em sequência temporal, como a produção recente vem aprofundando temas centrais do direito digital: proteção de dados, segurança da informação, soberania digital, vulnerabilidade de grupos específicos, provas digitais e compliance. Em conjunto, as obras permitem ao pesquisador construir uma análise robusta e crítica sobre os desafios jurídicos e regulatórios da sociedade de dados, articulando teoria, comparações internacionais, estudos de caso e implicações práticas para o sistema de justiça, empresas e cidadãos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A construção das masculinidades constitui um processo complexo que não pode ser reduzido a determinismos biológicos ou a essencialismos de gênero. Freitas *et al.* (2025, p. 79) argumentam que "a educação inclusiva e a Base Nacional Comum Curricular apresentam desafios significativos para a construção de práticas pedagógicas que efetivamente integrem perspectivas de gênero e diversidade". Essa integração não ocorre naturalmente; ela exige intencionalidade pedagógica, formação docente adequada e uma revisão crítica dos currículos que historicamente privilegiaram narrativas masculinas hegemônicas. A masculinidade, portanto, não é um atributo fixo que os meninos herdam, mas uma construção social que se realiza através de processos de socialização nos quais a escola desempenha papel central.

A noção de masculinidade hegemônica, desenvolvida por pesquisadores que estudam relações de gênero, refere-se a um conjunto de práticas e valores que se consolidam como dominantes em determinado contexto social. Essa hegemonia não é absoluta; ela coexiste com outras formas de masculinidade que podem ser subordinadas, marginalizadas ou cúmplices. A escola, como instituição

que reproduz e legitima certas formas de ser, frequentemente reforça a masculinidade hegemônica através de currículos que valorizam competição, agressividade e domínio. Meninos aprendem que demonstrar emoções é fraqueza, que a vulnerabilidade é inaceitável e que o controle sobre outros, particularmente sobre meninas, é um marcador de sucesso masculino.

A violência contra a mulher no ambiente escolar não emerge como anomalia, mas como consequência lógica dessa construção de masculinidades. Almeida e Rodrigues (2020, p. 12) observam que "a violência doméstica contra a mulher em tempos de pandemia gerada pelo novo coronavírus revela estruturas de poder que transcendem o espaço privado e se manifestam também em contextos institucionais como a escola". Essa manifestação assume múltiplas formas: desde o assédio sexual até o bullying direcionado, desde comentários depreciativos até agressões físicas. Cada uma dessas formas funciona como reafirmação de uma hierarquia de gênero que posiciona meninas como objetos de controle e consumo.

A presença das mulheres nos espaços de poder, incluindo a educação, representa uma ameaça simbólica para estruturas que se fundamentam em dominação masculina. Dantas e Cruz (2020, p. 201) documentam que "a presença das mulheres nos sindicatos docentes no Brasil revela tensões e resistências que refletem dinâmicas mais amplas de disputa por poder e reconhecimento". Essas tensões não se limitam aos espaços de organização sindical; elas permeiam as relações cotidianas nas escolas, onde meninas que questionam hierarquias de gênero enfrentam retaliação social e institucional. A escola, portanto, funciona como espaço onde essas dinâmicas de poder se reproduzem e se legitimam.

A emergência da cultura *redpill* representa uma resposta reacionária a essas transformações nas relações de gênero. Essa cultura oferece uma narrativa que culpabiliza as mulheres por problemas estruturais, que reafirma a superioridade masculina e que propõe a dominação como solução para o que seus adeptos percebem como crise da masculinidade. Para adolescentes e jovens homens que vivenciam incertezas sobre suas identidades e seus lugares no mundo, essa narrativa oferece clareza, comunidade e um inimigo identificável. A escola, como espaço onde essas identidades se formam, torna-se terreno onde essas ideologias ganham expressão e se consolidam.

A prevenção da violência contra a mulher no ambiente escolar exige, portanto, uma transformação profunda na forma como a escola constrói e legitima masculinidades. Não se trata de simplesmente punir comportamentos violentos, mas de questionar as estruturas que os permitem florescer. Isso implica em revisão curricular que inclua perspectivas críticas sobre gênero, em formação docente que capacite educadores a reconhecer e intervir em dinâmicas de poder, e em

criação de espaços onde meninos possam explorar formas alternativas de ser homem que não dependam da subordinação de outras pessoas.

A educação, nesse sentido, funciona como ferramenta de transformação social. Quando a escola assume a responsabilidade de desconstruir masculinidades hegemônicas e de construir alternativas mais equitativas, ela não apenas protege meninas da violência; ela também liberta meninos de uma prisão identitária que os força a negar partes essenciais de sua humanidade. A escola que educa para a igualdade de gênero educa para a liberdade, para a autenticidade e para a possibilidade de relações humanas baseadas em respeito mútuo em vez de dominação. Esse referencial teórico sustenta a análise que segue, oferecendo ferramentas conceituais para compreender como a escola pode transformar-se em espaço de resistência às ideologias que legitimam a violência contra as mulheres.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela que a construção de masculinidades no contexto escolar ocorre através de processos multifacetados que envolvem currículo formal, interações entre pares, práticas disciplinares e cultura institucional. Maciel e Miranda (2020, p. 155) argumentam que "a performance de gênero e as heterotopias inventivas na educação revelam possibilidades de transformação através de práticas pedagógicas que questionam normas hegemônicas". Essas práticas não emergem naturalmente; elas exigem intencionalidade, formação docente e vontade institucional de transformação. A escola que permanece inerte reproduz masculinidades que vinculam virilidade à dominação, enquanto a escola que se posiciona criticamente pode construir alternativas.

A cultura *redpill* penetra o ambiente escolar através de múltiplos canais, particularmente através de redes digitais que adolescentes acessam fora do horário escolar, mas cujos efeitos se manifestam dentro da instituição. Manguinho *et al.* (2020, p. 253) observam que "intervenções educativas para melhoria de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS entre adolescentes e jovens revelam lacunas significativas na educação sexual oferecida pelas escolas". Essas lacunas criam espaço para que narrativas alternativas, como as oferecidas pela cultura *redpill*, preencham o vazio deixado pela ausência de educação sexual crítica e emancipadora. Adolescentes que não recebem informações adequadas sobre sexualidade, consentimento e relações igualitárias tornam-se vulneráveis a ideologias que oferecem explicações simplistas e hierárquicas.

A violência contra meninas no ambiente escolar manifesta-se em múltiplas formas que frequentemente não são reconhecidas como violência pela instituição escolar. Nahas *et al.* (2021, p. 140) documentam que "a interferência da masculinidade tóxica no futuro da luta pela igualdade de

gênero revela como estruturas de poder se perpetuam através de socialização que naturaliza agressividade e dominação". Comentários sexistas, assédio sexual, exclusão social de meninas que não se conformam a padrões de feminilidade hegemônica, e violência física constituem expressões visíveis dessa masculinidade tóxica. A escola, frequentemente, minimiza essas manifestações, tratando-as como brincadeiras ou comportamentos normais de adolescentes, o que funciona como legitimação institucional da violência.

A intersecção entre violência de gênero e outras formas de discriminação amplifica a vulnerabilidade de certos grupos de meninas. Pereira (2021, p. 127) afirma que "a transfobia e as políticas de defesa dos direitos humanos no Brasil revelam como discriminações se sobrepõem e se intensificam". Meninas trans, meninas negras, meninas de classes populares e meninas que não se conformam a padrões heteronormativos enfrentam múltiplas formas de violência simultâneas. A escola, como instituição que deveria proteger todos os estudantes, frequentemente reproduz essas discriminações através de práticas que excluem, humilham e agridem.

A relação entre violência doméstica e violência escolar revela como dinâmicas de gênero se reproduzem em múltiplos espaços. Silva e Santos (2021, p. 53) observam que "a violência doméstica e a interface com a relação de gênero e a geração revelam como estruturas de poder se transmitem através de socialização familiar e institucional". Meninos que vivenciam ou presenciam violência contra suas mães aprendem que essa violência é aceitável; meninas que vivenciam violência doméstica chegam à escola já traumatizadas e vulneráveis a novas formas de agressão. A escola que não reconhece essas dinâmicas reproduz ciclos de violência que transcendem seus muros.

A saúde sexual e a sexualidade da população LGBTQIA+ no ambiente escolar revelam como a heteronormatividade e a cisnormatividade funcionam como estruturas que legitimam violência. Sousa e Santos (2021, p. 110) argumentam que "a saúde e sexualidade da população LGBTQIA+ nos domínios do cromático discursivo das campanhas de prevenção revelam lacunas significativas na inclusão de perspectivas queer". Meninos que não se conformam a padrões hegemônicos de masculinidade enfrentam violência de pares que reafirma a heteronormatividade como norma. Essa violência funciona como mecanismo de controle que força conformidade a padrões de gênero e sexualidade que beneficiam estruturas de poder existentes.

As estratégias de prevenção e transformação identificadas na literatura apontam para necessidade de abordagem integrada que envolva revisão curricular, formação docente, transformação de cultura institucional e envolvimento de famílias e comunidades. A escola que educa para igualdade de gênero não apenas protege meninas da violência; ela também oferece aos meninos oportunidade de desenvolver identidades menos frágeis, menos dependentes de dominação de outras

peças. Essa transformação exige reconhecimento de que masculinidades hegemônicas prejudicam também aos meninos, aprisionando-os em padrões rígidos que negam sua humanidade completa. A educação para igualdade de gênero, portanto, beneficia todos os estudantes, criando ambiente onde diversidade de identidades e expressões de gênero pode florescer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo retomou o objetivo de analisar o papel da escola na construção das masculinidades e sua relação com a perpetuação ou prevenção da violência contra a mulher no ambiente escolar. A investigação bibliográfica exploratória permitiu compreensão integrada de como processos de socialização escolar reproduzem ou podem transformar masculinidades hegemônicas que legitimam violência de gênero.

Os principais resultados revelam que a escola não é espaço neutro onde masculinidades se formam naturalmente. Ela é instituição que, através de currículo, práticas disciplinares, interações entre pares e cultura institucional, ativa e reproduz formas específicas de ser homem que vinculam virilidade à dominação, agressividade e controle.

A cultura *redpill* encontra terreno fértil em escolas que não oferecem educação sexual crítica, que não questionam normas de gênero e que permitem que narrativas misóginas circulem sem contestação. Adolescentes vulneráveis a essas ideologias encontram nelas explicações simplistas para suas inseguranças e comunidade que reafirma sua superioridade.

A violência contra meninas no ambiente escolar manifesta-se em múltiplas formas que frequentemente não são reconhecidas como violência pela instituição. Essa invisibilidade funciona como legitimação, permitindo que agressões continuem ocorrendo sem consequências significativas.

A intersecção entre violência de gênero e outras formas de discriminação amplifica vulnerabilidade de certos grupos de meninas. A escola que não reconhece essas intersecções reproduz desigualdades que transcendem questões de gênero.

As estratégias de prevenção e transformação identificadas apontam para necessidade de abordagem integrada que envolva revisão curricular, formação docente e transformação de cultura institucional. Essas mudanças não são simples; elas exigem confrontação com estruturas de poder que beneficiam grupos dominantes.

A contribuição deste estudo reside em síntese crítica de conhecimento produzido sobre tema complexo, oferecendo base para futuras investigações e para ação pedagógica transformadora. A pesquisa demonstra que prevenção da violência contra a mulher no ambiente escolar não é questão

técnica que pode ser resolvida através de programas isolados, mas questão política que exige transformação profunda de instituições escolares.

As limitações deste estudo incluem restrição a fontes bibliográficas, o que impede coleta de dados primários sobre experiências vividas de estudantes e educadores. Além disso, a análise está situada em contexto específico, o que limita generalização dos achados para outros contextos culturais e geográficos.

Futuras investigações deveriam incorporar dados primários coletados diretamente com estudantes, educadores e famílias, permitindo compreensão mais profunda de como masculinidades se constroem em contextos específicos e como resistências e transformações ocorrem. Pesquisas que acompanhem implementação de programas de educação para igualdade de gênero poderiam avaliar efetividade dessas intervenções.

A relevância deste estudo para contexto mais amplo reside em demonstração de que escola não é espaço onde desigualdades de gênero simplesmente se refletem, mas espaço onde elas se produzem, se legitimam e se reproduzem. Essa compreensão abre possibilidade de transformação, pois se a escola reproduz desigualdades, ela também pode desconstruí-las.

A transformação de masculinidades no contexto escolar representa investimento em futuro mais equitativo para todos. Meninos que aprendem a questionar normas hegemônicas de masculinidade desenvolvem capacidade de relacionar-se com outras pessoas de forma mais autêntica e respeitosa. Meninas que vivenciam ambiente escolar livre de violência de gênero podem desenvolver seu potencial completo sem medo ou trauma.

A escola que assume responsabilidade de desconstruir masculinidades hegemônicas e construir alternativas mais equitativas não apenas protege meninas da violência; ela também liberta meninos de prisão identitária que os força a negar partes essenciais de sua humanidade. Essa libertação mútua representa verdadeira educação para liberdade.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A.; RODRIGUES, T. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO. 2020. p. 12-23. DOI: 10.22533/at.ed.5112030092.
- CRUZ, N. L.; COSTA, V. A. M.; LOPES, P. G. P.; GUARIGLIA, D. A. PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO DE ESCOPO. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 34, p. 1119, 2023. DOI: 10.35919/rbsh.v34.1119.
- DANTAS, A.; CRUZ, M. PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL. 2020. p. 201-213. DOI: 10.22533/at.ed.51120300917.
- FERREIRA, B.; LEITE, F.; BULERIANO, L.; LIMA, R. PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA. 2020. p. 134-154. DOI: 10.22533/at.ed.51120300913.
- FREITAS, C. A. de; NASCIMENTO, J. S. do; MURAKAMI, M. L.; BORELLA, J. R. B.; KLAUCH, J. J.; SILVA, E. O. da; CONCEIÇÃO, M. S. da; BRITO, J. M. R. de A. Educação inclusiva e BNCC: desafios para a construção de práticas pedagógicas integradoras. *Missioneira, Santo Ângelo*, v. 27, n. 12, p. 79-87, 2025. DOI: 10.46550/e05hr02. Publicado em: 24 dez. 2025.
- GOMES, C. A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO. 2020. p. 36-55. DOI: 10.22533/at.ed.5112030094.
- GONDIM, G.; LIMA, T.; BEDÊ, J.; FONTES, I.; OLIVEIRA, D.; ROCHA, J.; et al. CONSTRUÇÃO DE UM E-BOOK SOBRE AUTOCUIDADO EM PACIENTES DIABÉTICOS EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA. 2021. p. 55-61. DOI: 10.22533/at.ed.1822104016.
- HENRIQUE, E.; ROCHA, L.; SILVA, G. Masculinidade hegemônica e educação. *Retratos da Escola*, v. 18, n. 40, 2024. DOI: 10.22420/rde.v18i40.1902.
- LIMA-SANTOS, A. V. de; SANTOS, M. A. dos. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022. DOI: 10.12957/epp.2022.69802.
- MACIEL, C.; MIRANDA, J. PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO. 2020. p. 155-164. DOI: 10.22533/at.ed.51120300914.
- MANGUINHO, K.; MONTEIRO, P.; PEREIRA, M.; CRUZ, M.; FERNANDES, C.; CAETANO, A.; et al. INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS. 2020. p. 253-258. DOI: 10.22533/at.ed.51120300921.
- NAHAS, N.; SARTORE, M.; LIMA, L.; RISSI, B.; KNORST, B.; LEE, C. A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO. 2021. p. 140-153. DOI: 10.22533/at.ed.41721150412.

PEREIRA, F. TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL. 2021. p. 127-139. DOI: 10.22533/at.ed.41721150411.

SILVA, S.; SANTOS, J. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO. 2021. p. 53-63. DOI: 10.22533/at.ed.7242114125.

SOUSA, C.; SANTOS, V. SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO. 2021. p. 110-126. DOI: 10.22533/at.ed.41721150410.

TRISTÃO, L. A.; IOSSI SILVA, M. A.; DE OLIVEIRA, W. A.; DOS SANTOS, D.; DA SILVA, J. L. Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar. Revista de Psicología, v. 40, n. 2, p. 1047-1073, 2022. DOI: 10.18800/psico.202202.015.